



Wilson Faraço

ENSINO e AUTORIDADE

Análise da prática andragógica de Jesus e sua
contribuição para o ensino e aprendizagem cristã



ENSINO e AUTORIDADE



Dedicatória

À minha querida esposa, Adriana, pelo
companheirismo, amor, motivação e contínuo
incentivo a mais este objetivo conquistado.
Aos meus amados filhos, Rebeca e Júnior, pela
compreensão, apoio e amor. A meus pais, Celso e
Sebastiana (*in memoriam*), pela criação e formação
cristã. Depois de Jesus, minha família é a maior
expressão da graça de Deus em minha vida.



Agradecimentos

Quero expressar minha sincera gratidão a Deus, cuja presença é a essência da minha vida, salvação e vocação. Por meio da sua graça e orientação, encontrei propósito e direção em minha jornada. Agradeço por cada bênção e desafio que se apresentaram, pois têm sido fundamentais para meu crescimento espiritual e pessoal.

A minha especial consideração vai para a Igreja Assembleia de Deus, Ministério do Belém, em São Paulo. Em particular, desejo destacar o trabalho do presidente, Pr. José Wellington Bezerra da Costa, e do vice-presidente, Pr. José Wellington Costa Junior, que também lidera a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Sou muito grato a eles por reconhecerem e confiarem no chamado de Deus em minha vida, proporcionando apoio, orientação e as oportunidades de atuar como pastor nas igrejas por onde tenho passado, experiências indispensáveis para meu desenvolvimento.

A todos que estiveram ao meu lado nesta jornada, quero expressar minha profunda gratidão por suas orações, apoio e incentivo. Cada um de vocês teve um papel fundamental em minha formação e ministério, e sou eternamente grato por suas contribuições. Que juntos possamos continuar a glorificar a Deus e a difundir seu amor e ensinamentos em nossas vidas e comunidades.



Apresentação

Ensinar é uma arte. As pessoas conseguem aprender de diversas formas, mas nem todas possuem a habilidade para transmitir conceitos e conhecimento para a vida. Autoridade é uma palavra que nos remete à capacidade que uma pessoa ou grupo tem de ordenar e de ser obedecido. É uma característica que muitos querem a qualquer custo.

Em Jesus, vemos essas duas palavras como sendo características de seu ministério. O Filho de Deus não somente ensinava com clareza e didática, mas exercia autoridade também com seu ensino. As pessoas que ouviam Jesus criam que Ele tinha autoridade para falar da forma como falava, e para realizar os sinais que o acompanhavam.

O Pr. Wilson Faraço nos brinda com uma obra que mostra detalhes de como ensino e autoridade se conjugam no ministério terreno do Senhor Jesus Cristo. O autor faz uma análise exegética dos textos sagrados, mostrando o poder de Deus manifesto na sa-

bedoria de Jesus e no poder com que fazia maravilhas e expulsava demônios, demonstrando, assim, que Deus pode não somente salvar o pecador, mas afastar todo o mal que aflige o homem, mesmo aqueles que estão totalmente entregues nas mãos do Inimigo.

Que este livro seja uma bênção na sua vida e ministério.

Em Cristo

Alexandre Coelho

Gerente do Departamento de Publicações da CPAD



Prefácio

Desde que os quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João escreveram cada um o registro do Evangelho, inúmeros textos sobre a vida e a obra de nosso Senhor Jesus Cristo têm sido constantemente produzidos. No início do século XXI, vimos a publicação de algumas obras sobre Jesus, escritas por especialistas em áreas bem distintas do campo teológico evangélico. Tais obras se propuseram a investigações da vida e do modo como Jesus lidaria com demandas do nosso tempo. Daí, surgirem títulos como *Jesus CEO*, numa tentativa de extrair princípios de liderança corporativa de Jesus; *Jesus Coach*, enfocando traços do comportamento de Jesus ao treinar e fazer de doze homens simples os maiores propagadores de uma mensagem que ainda hoje provoca mudanças e melhorias na vida das pessoas. Além dessas, vimos a publicação de outras obras que apresentaram Jesus como mestre de alguma capacidade virtuosa, como o amor, a sabedoria, a sensibilidade, entre outras.

Embora seja verdade que Jesus é um manancial infinito, no qual se pode saciar a sede de quem quer que a tenha, sabemos, pela leitura e estudo de todo o conselho de Deus, que as Escrituras,

ao apresentarem Jesus, o fazem da perspectiva de Deus Pai, cujo amor o levou a dar o seu Filho para que todo aquele que nEle crê, tenha a vida eterna (Jo 3.16). Sendo assim, apesar das diferentes abordagens feitas ao Mestre dos mestres, é preciso considerar que Jesus veio para ensinar à humanidade o caminho da salvação. Não por acaso, esse caminho é Ele próprio: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14.6).

Que em seus dias Jesus foi um grande mestre e formador de discípulos é ponto passivo, indiscutivelmente. Também devemos concordar que o método andragógico de Jesus é tão eficaz a ponto de subsistir há mais dois mil anos, durante a História e a trajetória da igreja nas mais diferentes e ímpares culturas e tempos.

Mas quais são os elementos de sua *práxis* pedagógica que o fizeram tão destacado e tornaram Jesus o Mestre por excelência? Já em seu tempo, Ele foi reconhecido pelas pessoas que ouviram os rabinos e ouviram o próprio Jesus ensinar, e elogiaram-no pela autoridade com que abria a sua boca (Lc 4.32). Que elementos podem ser apreendidos pelos sermões e palavras de Jesus que fizeram o seu ensino tão poderoso e longo?

A fim de investigar os pontos fundamentais, relevantes e distintivos de Jesus em seu processo de ensino, e como se deu a aprendizagem do conteúdo proposto no seu Evangelho, e se isso é aplicável a nós, dois mil anos depois, a presente obra nos apresenta um estudo exegético e comenta teologicamente a passagem de Marcos 1.21-22. Este livro faz essa abordagem sob a perspectiva da ação andragógica de Jesus, tendo como tônica o verbo διδάσκω (*didasko*), no qual se percebe a contribuição dada pelo evangelista Marcos ao tema.

O autor, pastor e professor Wilson Faraço, que tem longa experiência no pastoreio e no ensino da Bíblia, se dedicou a pesquisar minuciosamente o Novo Testamento e a história das tradições educacionais, identificando e descrevendo para nós os elementos da didática de Jesus e a contribuição que deu para a formação de discípulos. O pastor Wilson fez como que uma acareação com os

métodos vigentes à época, quais sejam, o método dos rabinos e dos demais mestres em Israel, em contraposição ao método de Jesus.

Assim, em sua pesquisa, o autor observou que o conceito de discípulo vigente à época de Jesus foi fortemente considerado, e elencou os diferentes pontos do legado de Jesus e de seus discípulos nas sociedades em que foram divulgadores desses ensinamentos. O autor considerou, ainda, que a aprendizagem junto aos rabinos da época de Jesus consistia, meramente, na memorização dos ensinamentos de cada mestre, e pouco ou quase nada se considerava da transformação de vidas e do suprimento das suas necessidades. Em contrapartida, a aprendizagem pelo método de Jesus transformava e transforma a vida de seus discípulos, supre suas necessidades básicas em diferentes campos e torna-os ativos na divulgação vigorosa e entusiasmada do Evangelho, não importando em qual cultura for! Nisto consistiam o método e a hermenêutica de Jesus: na atenção à pessoa como um todo e essa pessoa dentro do plano de Deus.

Como resultado, o autor presenteia o leitor brasileiro, evangélico ou não, especialmente os envolvidos com o ensino, com esta exposição da condição dos discípulos como aprendizes e destes como multiplicadores do conteúdo recebido no processo de aprendizado, conforme o modelo andragógico de Jesus.

Desse modo, desejamos que este livro supra uma lacuna existente na literatura sobre Jesus; desejamos que ele promova o fortalecimento da biblioteca cristã no país e que o leitor possa ser igualmente impactado pela leitura desta obra, na proporção em que os ouvintes de Jesus foram ao ouvir os seus ensinamentos.

José Wellington Costa Júnior

Pastor presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), pastor vice-presidente da Convenção Fraternal das Assembleias de Deus no Estado de São Paulo (CONFRADESP), pastor vice-presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério do Belém em São Paulo, pastor setorial da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério do Belém em Guarulhos (SP).



Sumário

Prefácio	11
-----------------------	-----------

Introdução.....	19
------------------------	-----------

Capítulo 1

Estudo de Marcos 1.21-22	29
---------------------------------------	-----------

Aspectos Preliminares	30
-----------------------------	----

Delimitação da Perícope	32
-------------------------------	----

Análise Contextual.....	36
-------------------------	----

Análise da Forma	38
------------------------	----

Análise Teológica	39
-------------------------	----

Capítulo 2

Jesus como aquele que Ensina e Forma Discípulos	45
--	-----------

Qual o Conceito de Mestre na Época de Jesus?	46
--	----

Quais Classes Almejavam a Posição de Mestre?	58
--	----

Os Sacerdotes	59
---------------------	----

Os Fariseus	60
Os Saduceus	62
Os Essênios	64
Jesus, em Contraste	65
Como Eram seus Ensinamentos e qual o Nível de sua Persuasão?	66
Origem e Conceito da Andragogia	71
Ao que se Propõe a Andragogia?	74
Principais Elementos do Método Andragógico	76
A Prática Andragógica no Ministério de Jesus	79
Como Era o Ensino de Jesus: Método e Hermenêutica?	81
O Antagonismo e a Rivalidade entre o Ensino de Jesus, o Mestre da Galileia, e os Mestres da Judeia	99

Capítulo 3

Os Discípulos de Jesus como Aprendizes 105

Qual o Conceito de Discípulo na Época de Jesus	108
Em que Contexto se Deu o Chamamento dos Doze	117
Os Elementos que Fizeram Parte do Treinamento Discipular	124
Quais os Resultados dessa Aprendizagem	131
Qual o Legado Deixado por Jesus e seus Discípulos	134

Conclusão 151

Referências 157

Apêndice: Crítica Textual 163

Análise Morfológica	165
Análise Semântica	167
1 – καί	167
2 – εἰσπορεύομαι	168
3 – εἰς	168
4 – Καφαρναούμ, ἡ	169

5 – εὐθέως	169
6 – σάββατον, ου, τό	169
7 – εἰσάρχομαι; fut. εἰσελεύσομαι; 2º aoristo εἰσηλθον; perfeito εἰσελήλυθα.	169
8 – συναγωγή, ἥς, ἡ	170
9 – διδάσκω; imperfeito ἐδίδασκον; futuro διδάξω; 1º aoristo ἐδίδαξα; 1º aoristo passivo ἐδιδάχθην..	170
10 – ἐκπλήσσω (ε ἐκπλήττω); imperfeito passivo ἐξεπλησρόμην; 2º aoristo passivo ἐξεπλάγην; apenas no passivo no Novo Testamento	170
11 – ἐπί.	170
12 – διδαχή, ἥς, ἡ	171
13 – αὐτός, ἡ, ὁ	171
14 – εἰμί; infinitivo εἶναι; imperfeito μέδιο ἦμην; futuro μέδιο ἔσομαι.	172
15 – γάρ	172
16 – ὥς.	172
17 – ἐξουσία, ας, ἡ	173
18 – ἔχω; imperfeito εἶχον; futuro ἔξω; aoristo ἔσχον; perfeito ἔσχηκα.	173
19 – οὐ, οὐκ, οὐχ	173
20 – γραμματεὺς, έως, ὁ	174

Análise Sintática	174
--------------------------------	------------

Segmentação da Perícopa	175
--------------------------------------	------------



Introdução

Nos últimos anos, a produção editorial no Brasil e no mundo viu surgir diferentes obras analisando o papel e os métodos utilizados por Jesus no treinamento, na capacitação e na gestão de doze homens comuns que, logo depois de passarem um tempo com Jesus, ficaram conhecidos como *apóstolos*. Além dos doze, uma leitura atenta dos Evangelhos, na quádrupla perspectiva dos evangelistas, revela a presença de mais pessoas, cujo crédito recebido na tradição cristã é de *discípulos*.

As obras publicadas recentemente sobre o método utilizado destacam diferentes aspectos do esforço de Jesus para tornar aqueles homens competentes e efetivamente poderosos na transmissão de seus ensinamentos, difundindo-os pelo Império Romano. Jesus foi abordado por diferentes óticas, como a psicologia, que o retratou como o maior mestre, o melhor *coach*, o CEO, o maior líder e assim sucessivamente.

A presente obra, embora com origem acadêmica e diferenciando-se do estilo das obras indicadas há pouco (além das que serão mencionadas adiante), retrata um aspecto específico do labor de Jesus, conforme o seu título indica. O objetivo, ao investigar esse

tema e aspecto do trabalho de Jesus, é compreender o processo de aprendizagem ocorrido com apóstolos e discípulos a partir dos ensinamentos e da metodologia utilizada por Jesus. Para tal, foi considerada uma abordagem que identifica o modelo que persiste ao tempo e tem se mostrado capaz de superar as limitações dos aprendizes, quaisquer que sejam, a ponto de torná-los capazes a dar sequência ao planejamento pretendido pelo Mestre.

Price, ao mencionar a didática, isto é, a técnica de ensino adotada por Jesus, afirma que, ao selecionar um grupo de discípulos sem preparo, os quais não se mostravam promissores,¹ e transformá-los em divulgadores competentes e aptos para expor sua doutrina, demonstrou o verdadeiro milagre da arte de ensinar e exercitar o próprio ensino. Esse modelo inspiraria o mundo (ao menos o ocidental) a seguir a fé cristã e esse método de aprendizagem.²

Para se compreender a dinâmica utilizada no processo de aprendizagem do conteúdo do Evangelho e constatar os resultados a que chegou, foram considerados dois aspectos principais, entre outros possíveis:

1) Análise da atividade ministerial de Jesus diante dos seus discípulos. Neste ponto, procuramos identificar os aspectos mais pronunciados que envolveram a aprendizagem dos conteúdos do ensino de Jesus. Para isso, realizamos uma comparação, enquanto possível, entre o método de Jesus e o dos escribas e dos fariseus, responsáveis pelo ensino da Escritura e da Lei na época de Jesus. Esses foram personagens antagônicos à doutrina de Jesus e a razão da proeminência do seu método.

O evangelista Mateus também destacou essa relação antagônica ao afirmar que Jesus ensinava como tendo autoridade, e não como os mestres da lei: “Quando Jesus acabou de dizer essas coisas, as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino, porque ele as

¹ Haja vista a falta de preparo formal nas escolas rabínicas; todos eles tinham suas próprias profissões e não há indicação de que fossem seguidores de algum rabino ou ligado a alguma posição oficial no Templo.

² PRICE, J. M. *A Pedagogia de Jesus: O Mestre por Excelência*, 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP; 1980, p. 18.

ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei” (Mt 7.28-29, NVI). Segundo Edwards, a εξουσία (poder, autoridade) de Jesus, que compreendia a sua liberdade e autoridade soberanas, se tornaram a impressão mais duradoura deixada em seus seguidores e, por outro lado, a que mais ofendeu os seus oponentes.³

2) Explorou-se a didática de Jesus, conforme utilizada na comunicação a seus discípulos, os doze, conforme Marcos 3.16-19. Nesse sentido, a presente obra procurou elementos passíveis de demonstração, ao indicar que os discípulos de Jesus destoavam dos discípulos dos demais mestres de seus dias em termos de comportamento (cf. Mc 2.18-22; 23-28; 7.1-8,14-15,21-23).

Por outro lado, a aprendizagem pelo método de Jesus tornou os discípulos ativos e os fez participantes da propagação do Evangelho, isto é, os engajou na difusão da mensagem de Jesus.

Tomamos como ponto de partida Marcos 1.21-22, tendo em vista um olhar para a concordância. Observamos Jesus em sua atividade de Mestre, cujo ensino é próprio e diferenciado do apresentado em seu tempo. Nesse sentido, os elementos base para a nossa pesquisa encontram-se nesse texto. Como exemplo, notamos que o verbo διδάσκω aparece 17 vezes em Marcos (1.21,22; 2.13; 4.1,2; 6.2,6,30,34; 7.7; 8.31; 9.31; 10.1; 11.17; 12.14,35; 14.49), e as suas duas primeiras ocorrências se dão no texto bíblico escolhido como perícopo. (cf. v. 21 ἐδίδασκεν e v. 22 διδάσκων). O substantivo διδαχῇ aparece 5 vezes em Marcos (cf. 1.22,27; 4.2; 11.18; 12.38), e pela primeira vez no versículo 22. A palavra διδάσκαλος, talvez de forma programática, aparece 12 vezes nesse Evangelho (cf. 4.38; 5.35; 9.17,38; 10.17,20,35; 12.14,19,32; 13.1; 14.14), mas não no texto escolhido. Assim se tem as primeiras 3 referências em Marcos 1.21-22, sendo esse o motivo principal de iniciarmos a pesquisa a partir desse texto, que será considerado uma perícopo especial. Embora se tenha um ponto de partida definido, não se isolará

³ EDWARDS, J. R. *O Comentário de Marcos*. trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 40.

rigidamente a perícopes abrindo, dessa forma, oportunidades para uma análise mais abrangente. Temos em vista que um olhar para o contexto poderá fornecer outros elementos interessantes para o estudo a que buscamos.

Diante do exposto, esta obra fundamentou-se na identificação da relação entre os ensinamentos de Jesus e seus ouvintes, com especial atenção aos estímulos que foram desencadeados nesse eixo, responsável por produzir comportamentos tão díspares, tanto partidários quanto antagônicos.

Tendo feito isso, foi possível identificar um modelo de aprendizagem discipular aplicado há cerca de dois mil anos, modelo suficiente para disseminar a doutrina e o pensamento cristão a culturas tão distintas, confrontando-as em sua época (como se faz ainda hoje) e influenciando culturas que seriam alcançadas pela mesma mensagem, dando sólidas contribuições para a formação de sociedades avançadas, como algumas observadas no Ocidente.

Tomamos por base o Evangelho segundo Marcos, apresentando as relações que envolveram o ensinamento de Jesus aos seus discípulos. A nossa proposta é identificar e descrever os elementos que constituíram a didática de Jesus e que, de tal forma, contribuíram com a formação dos indivíduos escolhidos por Ele.

A partir da identificação do modelo utilizado por Jesus, foram estabelecidos parâmetros aplicáveis que servem de base para formadores e mestres no trabalho com indivíduos vocacionados nas diferentes igrejas e comunidades cristãs. Apontamos os recursos e métodos utilizados por Jesus na formação de seus seguidores. Queremos que o leitor identifique como se constituíram as aprendizagens discipulares por aqueles que receberam tais ensinamentos em primeira mão e o possível aproveitamento nos processos de formação de vocacionados hoje. Após tal tarefa, o leitor poderá verificar que o modelo do ensino-aprendizagem de Jesus continua sendo uma proposta andragógica aplicável e totalmente eficiente.

O caminho tomado para cumprir os nossos objetivos apontou para a necessidade de analisar e compreender:

- Como Jesus desempenhou o papel de mestre e discipulador;
- De que maneira Jesus utilizou sua didática a fim de que houvesse uma aprendizagem discipular;
- Quais os resultados alcançados através desse método.

Por fim, formulou-se uma síntese dos resultados para que sejam analisados e se verifique sua aplicabilidade nas situações locais das comunidades e igrejas cristãs interessadas.

O interesse pelo presente tema surgiu em função de inquietações pessoais geradas durante observação do contexto em que a comunidade cristã evangélica está inserida, tendo o ministério pastoral se tornado um desafio para a liderança. Questiona-se sobre uma pedagogia consistente para os educadores do século XXI, em que se vê a necessidade de um processo de aprendizagem capaz de não somente transferir conhecimento, mas produzir em quem é alcançado uma transformação que deixe claro o caráter do verdadeiro discípulo de Cristo, conferindo, dessa forma, um labor eclesiológico prático.

Além das especificidades já apontadas, a escolha pelo Evangelho segundo Marcos se deu por algumas razões adicionais. Destaco aqui três delas:

1. Por ser considerado o primeiro Evangelho canônico a ser escrito, servindo de fonte para os outros Evangelhos Sinóticos, Mateus e Lucas. Logo, trata-se de um texto fundamentalmente importante para o Cristianismo.
2. A segunda razão está no fato de Marcos ter se tornado um fiel companheiro de Pedro (1 Pe 5.13), que, segundo a tradição patrística,⁴ foi sua principal fonte de informação. Assim sendo, como há possibilidade real de Marcos ter transmitido, de certa maneira, o ponto de vista do apóstolo Pedro sobre

⁴ Cf. Eusébio de Cesareia, em sua *História Eclesiástica*, na qual Eusébio cita, por exemplo, o relato de Papias. Verifique, ainda, p. 19 adiante.

alguns fatos ocorridos com Jesus, destaco aqui Pedro como o principal alvo da aprendizagem discipular de Jesus.

3. E, por fim, acrescentamos a questão do desafio em si. Marcos é, entre os Evangelhos Sinóticos, o que menos se ocupa em registrar o conteúdo dos ensinamentos e das pregações de Jesus, comparado com os registros de Mateus e Lucas. Todavia, é entre eles o que mais aplica o verbo *ensinar*, que pode ser sinônimo de doutrinar ou lecionar. Ou seja, a transmissão de experiências práticas no sentido de instrução. Para Pallares, o verbo “ensinar” aparece 17 vezes no Evangelho segundo Marcos, contra 14 no Evangelho de Mateus e 16 em Lucas, e o substantivo “ensinamento” aparece 5 vezes em Marcos, contra 3 ocorrências em Mateus e apenas 1 em Lucas.⁵

Uma vez que o Evangelho segundo Marcos é, em volume, menor do que os demais Sinóticos, proporcionalmente, a ênfase que Marcos dá ao ensinamento de Jesus se torna ainda maior. Diante disso, o tema torna-se mais intrigante e atraente, já que Marcos, menciona Jesus na condição de quem ensina com reconhecida autoridade, e não como os mestres da lei de sua época. Tal ensino e a sua aplicabilidade, nesta obra, serão caracterizados como **“ENSINO e AUTORIDADE: Análise da prática andragógica de Jesus e sua contribuição para o ensino e aprendizagem cristã”**, e indubitavelmente tal temática fornece uma fonte potencialmente relevante quanto a sua capacidade de descobertas, assim como em suas possíveis contribuições.

A perícopes Marcos 1.21-22 analisada parcialmente no primeiro capítulo (complementa a análise o Apêndice 1) serve como chave hermenêutica para a leitura do texto de Marcos a partir do pressuposto levantado desde já em sua produção — Jesus, aquele que ensina com autoridade. Nesse sentido, a caracteriza-

⁵ PALLARES, J. C. *O Poder do Carpinteiro Jesus no Evangelho Segundo Marcos*. 10. ed. Aparecida: Editora Santuário, 2002, p. 13.

ção de quem é Jesus, assim como seu ensino e suas ações, foram analisados, possibilitando compor o quadro do seu método de ensino, bem como sua repercussão aos que tiveram contato com o Mestre da Galileia.

Temos como pano de fundo o Antigo Testamento. Nele, Deus orientou o seu povo para que conduzisse um processo educacional consistente, baseado no relacionamento familiar entre pais e filhos (Dt 11.19). Desde o início, com Adão, o progenitor da raça humana (cf. Gn 2.15-17), se observou a prática do ensino na relação entre Deus e Adão, e, mesmo após a Queda, o Criador seguiu fundamentando seu ensino, lançando as bases da promessa de um salvador (Gn 3.15, o que é chamado de o *proto evangelium*).⁶ O mesmo ocorreu com outros personagens bíblicos, pelos quais o Criador conduziu o seu plano educacional, estabelecido por meio de alianças, como as feitas com Noé (Gn 8.21,22), Abraão (Gn 12.1-3) e Moisés (Êx 3.1-18).

No monte Horebe, território onde se firmou a aliança com Moisés, se observou uma ampliação significativa no processo de educação em relação às alianças anteriores. Deus delegou a Moisés a tarefa de instruir a seu irmão Arão para que falasse as palavras que deveriam ser transmitidas (Êx 4.15-16) ao Faraó, rei do Egito. Deus comunicou a sua vontade e plano em relação ao seu povo, transmitindo a Moisés o modo como deveria lidar com a delicada situação e ensinando-os o que dizer. Doravante, o ensino judaico ganhara proporção (agora) nacional, sendo sistematizado nas futuras gerações (Dt 6.7-8).

Numa leitura atenta do Antigo Testamento, fica evidente que o ensino aplicado pelo legislador Moisés trouxe resultados tangíveis e antes imagináveis (considerando que se tratava de uma comunidade de ex-escravos hebreus). Para tanto, basta lembrar que seus

⁶ “Corretamente tem-se considerado esse texto [Gn 3.15] o proto-evangelho ou primeira declaração das boas novas, pois garante aos leitores que o mal não dominará os seres humanos para sempre. Com o desenvolvimento do cânon, essa promessa cresce para incluir conceitos messiânicos”. HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 81.

aprendizes eram hebreus saindo do sistema escravocrata egípcio,⁷ e que em nossos dias constituem um povo que é referência mundial nas mais diversas áreas das ciências modernas.

Ao que tudo indica, o período mais importante para a educação no Antigo Testamento, no que tange o ensino judaico, foi o período de Esdras. Naquele tempo, o povo judeu, agora retornando do exílio babilônico, esteve por cerca de 70 anos imerso na cultura pagã daquele país. Esdras assumiu o desafio de resgatar e reorganizar a religião judaica, bem como reestruturar o sistema educacional entre o seu povo.⁸ De fato, Esdras demonstrou habilidade como escriba e doutor da lei (Ed 7.6).

Segundo a tradição judaica (Talmude Babilônico), as sinagogas surgiram durante o exílio babilônico, supostamente como substitutas do Templo que, na ocasião, havia sido destruído e estava distante dos exilados. Após a expatriação dos judeus pelos babilônicos, as sinagogas se tornaram o principal lugar para o estudo da Lei e para as orações, como também afirma Blech.⁹ Para Harrison, já no período pós-cativeiro, o hábil escriba Esdras influenciou aprendizes, intérpretes e copistas da lei, e esses escribas ocuparam o lugar de eruditos e sábios,¹⁰ sendo os fariseus, zelosos doutores da lei, e, historicamente,

⁷ Segundo ANDRADE. *Teologia da Educação Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 23: “O Sistema educacional de Moisés foi eficientíssimo. Antes os hebreus não passavam de um bando de vassalos; nem pela liberdade ansiavam de tão acostumados que estavam à servidão egípcia... Não fora o sistema educacional mosaico, Israel teria perecido no Egito, e no Egito seria mumificada a sua história”.

⁸ Segundo EBAN, tradução de Alexandre Lisovsky. *My People — The Story of the Jews*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971, p. 66: “Dois homens puseram-se à frente de um movimento para salvar Jerusalém da desintegração: Neemias em 444 a.C. e Esdras em 397 a.C. vieram a Jerusalém, onde reorganizaram a vida nacional tão eficientemente que a província foi capaz de enfrentar tempestades oriundas de tensão interna e hostilidade exterior”.

⁹ Cfm. BLECH. *The Complete Idiot's Guide to Understanding Judaism*, trad. Uri Lam. São Paulo: Editora Sêfer, 2004, p. 302: “A sinagoga vem sendo, por séculos, o local onde os judeus se reúnem tanto para rezar quanto para estudar. Segundo os antigos rabinos, rezar é a maneira pela qual o homem e a mulher falam com Deus. Por sua vez, estudar é o modo como Deus se dirige ao homem e à mulher”.

¹⁰ Segundo HARRISON. *Old Testament Times*, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 300: “A mesma tradição sacerdotal da erudição que havia trazido Esdras à liderança, também forneceu alunos, intérpretes e copistas da lei, que substituíram os ‘eruditos’ ou ‘sábios’ das épocas anteriores aos dias de Esdras”.

considerados sucessores de Esdras e dos primeiros escribas.¹¹ Nesse último caso, não é atribuída a essa tradição (de escribas, fariseus e doutores da lei) a formação das sinagogas, o que tem relevância para esta obra, já que as sinagogas devem ter-se constituído o polo de ensino judaico. Isso difere de Jesus, que, embora tivesse ensinado em sinagogas, fez das ruas o seu ambiente de ensino.

Seguindo com o desenvolvimento progressivo da pedagogia divina em um ambiente educacional judaico, cumprindo “a plenitude dos tempos”, “Deus enviou seu Filho” (Gl 4.4). Com isso, deu-se início à igreja, uma nova comunidade ou povo de Deus que seguiu a trilha de aprendizagem a partir da compreensão da fé, conforme anunciado desde os tempos antigos.

Na história da igreja, a figura e o papel do discipulador dentro da comunidade da igreja local foi peça indispensável para uma educação cristã de qualidade. A comunidade cristã vem, ao longo de cerca de dois milênios, mantendo os pilares de sua fé e dogmas sobre os ensinamentos dados por Jesus. Não resta dúvida de que o legado deixado por esse notável discipulador marcou épocas, revolucionou culturas e moldou sociedades inteiras. Hoje, seu reconhecimento como Mestre por excelência é visto dentro e fora do ambiente cristão, além de se comprovar historicamente a eficácia e a perenidade de seu ensino.

A análise dos pressupostos se deu sobre a didática de Jesus aplicada à comunicação com os seus discípulos, a saber: “Simão, a quem pôs o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais pôs o nome de Boanerges, que significa: Filhos do trovão; André, e Filipe, e Bartolomeu, e Mateus, e Tomé, e Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu, e Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, o que o traiu” (Mc 3.16-19). Esses aprendizes destoaram daqueles que seguiam aos demais mestres dos dias de Jesus, como se demonstrará.

Grant Osborne traçou uma comparação entre o método aplicado aos discípulos dos rabinos e aos discípulos de Jesus. Para ele,

¹¹ Cfm. HARRISON. *Old Testament Times*, trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 302.

a aprendizagem junto aos rabinos consistia em memorizações dos ensinamentos do mestre, o que tornou os aprendizes passivos, com pouca reação diante da necessidade de mudanças.¹² Já a aprendizagem com Jesus tornava os discípulos ativos desde o início, bem como participantes da obra de Deus, o que redundou na expansão da mensagem do Reino.

Para L. Fernandes, quando Marcos registrou o chamado dos Doze, o fez por necessidade e por estratégia.¹³ A missão de Jesus era volumosa, logo, necessitava de ajuda para realizá-la. Ter esse grupo ao seu lado ajudaria a suportar a pressão vinda da multidão, dos opositores políticos, religiosos e familiares. Dessa forma, além da necessidade, houve a estratégia, pois Jesus dividiu as tarefas de forma a que sua missão tivesse continuidade. Antes, porém, eles deveriam aprender o seu modo de ser e de agir como cristãos.

Mas é sobre o conteúdo da perícope indicada que nos debruçaremos a partir de agora e, em seguida, sobre a análise do material ali encontrado e nos aspectos históricos do ensino nos tempos de Jesus.

Do ponto de vista social, a relevância da presente obra se dá pelo potencial que possui de ser uma proposta razoável e aplicável no processo de aprendizagem.¹⁴ Esperamos que ela proporcione uma nova visão e ofereça um caminho a ser percorrido por aqueles que desejarem lograr êxito em seu papel de mestres religiosos, com base no maior caso de sucesso já conhecido.

¹² OSBORNE, G. R. *Marcos: Série Comentário Expositivo*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 26.

¹³ FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. *Evangelho Segundo Marcos: Eleição, Partilha e Amor*. São Paulo: Paulinas; 2012, p. 105.

¹⁴ A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória, onde se buscaram informações detalhadas que fornecessem a base para uma investigação mais precisa, objetivando a descoberta de novas ideias ou pensamentos. Isso se deu por meio da coleta de dados obtidos por meio de pesquisas bibliográficas. Com base nesse referencial, foram aplicados os métodos exegéticos e teológicos de interpretação, ou seja, delimitação da perícope, Crítica Textual, segmentação e tradução, análise literária, morfossintática e semântica, a fim de analisar, compreender e descrever as aprendizagens discipulares de Jesus no Evangelho segundo Marcos.



Estudo de Marcos 1.21-22

Ao estudar o segundo documento¹ do Novo Testamento, conhecido como o Evangelho segundo Marcos, é preciso observar as características de sua redação, bem como compreender a tradição que envolve esse importante texto da Sagrada Escritura. É bem verdade que diferenciar ou distinguir a redação propriamente dita da tradição de Marcos não é uma tarefa muito simples, uma vez que não estão disponíveis as chamadas “fontes” primárias que deram origem a esse Evangelho.² Tal situação se coloca como a maior dificuldade encontrada no estudo de sua redação.³

¹ A fim de padronizar a nossa referência aos textos, vamos considerar como documento cada conteúdo do Novo Testamento, independentemente de seu estilo literário: Evangelho, Livro ou Epístola.

² Segundo WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento — Manual de Metodologia*, 3. ed. São Paulo: Sinodal/Paulus, 2002, p. 113: “O difícil problema do uso de fontes em Marcos é tratado comumente nas Introduções ao Novo Testamento. Ele está intimamente relacionado com a constatação de que o segundo Evangelho contém uma série de perícopes agrupadas em torno de algumas temáticas específicas”.

³ Segundo SOARES, JÚNIOR e OLIVA. *Evangelho segundo Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013, p. 17: “A maior dificuldade oferece os textos de Marcos, pois, como não possuímos as fontes que lhe serviram de base, também se torna bastante difícil e hipotético determinar quando ou em que medida estas foram alteradas pelo seu redator”.

Desde os primórdios do Cristianismo, o Evangelho segundo Marcos tem enfrentado inconstância quanto a sua valorização em comparação com os demais Evangelhos. Há consenso entre os Pais da Igreja de que o Evangelho mais antigo seria o de Mateus. Vem daí a posição em que é encontrado na disposição dos documentos do Novo Testamento. Sobre essa situação, Taylor afirma que o Evangelho favorito na Igreja Primitiva era o de Mateus.⁴ Sobre a frequência nas citações dos Pais, Edwards informa que o primeiro lugar é o de Mateus, seguido por João, e então Lucas, restando o último lugar no número de citações pelos Pais da Igreja para o Evangelho de Marcos.⁵ A razão para isso é que a sua escrita era considerada uma condensação do Evangelho de Mateus.⁶

Aspectos Preliminares

Com a evolução dos estudos sobre os Evangelhos, Marcos ganhou maior notoriedade e, de Agostinho até o século XVIII, tem predominado na segunda posição entre os documentos mais importantes, tal qual se encontra no cânone.⁷ Há consenso entre comentaristas cristãos sobre a razão da guinada na valorização do Evangelho segundo Marcos a partir da primeira metade do século XIX, levando o seu texto à condição de notoriedade. Conforme uma das teorias, Marcos passou a ser apontado como o mais antigo dos quatro Evangelhos e a fonte primária para Mateus

⁴TAYLOR, Vicent. *The Gospel According to St. Mark*. 2. ed. Londres: The Macmillan Press Ltd, 1966, p. 9.

⁵EDWARDS. *O Comentário de Marcos*, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 28: “As citações dos evangelhos, ao longo de todo o período patristico, eram dos evangelhos de Mateus e João, nesta ordem; citações de Lucas vinham em um distante terceiro lugar, e as de Marcos em último e apenas raramente”.

⁶CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo*, vol. 1, Mateus, Marcos. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 752: “[...] colocado após o evangelho de Mateus, provavelmente porque Agostinho e outros entre os primeiros comentadores consideravam-no uma condensação do evangelho de Mateus”.

⁷Segundo OSBORNE, G. *Série Comentário Expositivo — Marcos*, trad. Suzana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 4: “Até o século 18, a ordem proposta por Agostinho (Mateus, depois Marcos e, por fim, Lucas) predominava”.

e Lucas.⁸ Esse tem sido, até então, o entendimento majoritário sobre o tema, no que concordam vários autores, como Osborne,⁹ Soares, Júnior e Oliva,¹⁰ e Edwards.¹¹ Essa constatação considera o Evangelho segundo Marcos o primeiro Evangelho canônico a ser escrito e servindo de fonte para os outros Evangelhos Sinóticos.

Nesse sentido, torna-se um texto fundamental para o Cristianismo. Edwards corrobora essa valorização ao dizer que após o século XIX, a comunidade acadêmica passou a investigar com maior atenção o seu conteúdo e vem apontando que se tratava do mais antigo dos Evangelhos e a fonte primeira para Mateus e Lucas.¹² Além disso, sabe-se que Marcos foi um fiel companheiro do apóstolo Pedro, tido como um dos principais discípulos de Jesus (1 Pe 5.13). Por essa razão, levantou-se a hipótese da possibilidade de Marcos ter recebido e transmitido o ponto de vista do apóstolo Pedro sobre os fatos e histórias envolvendo Jesus.

Bortolini comenta que, assim como pela tradição cristã do século II chamamos o segundo Evangelho de Evangelho segundo Marcos,¹³ essa mesma tradição é responsável pela crença de que Marcos teria sido intérprete de Pedro, sendo este uma das fontes para os registros encontrados em seu Evangelho.

⁸ EDWARDS, James R. *O Comentário de Marcos*, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 28.

⁹ Segundo OSBORNE, G. *Serie Comentário Expositivo — Marcos*, trad. Suzana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 4: “Pode se concluir, portanto, que Marcos foi escrito primeiro e usado pelos outros dois autores para redigir seus respectivos Evangelhos”.

¹⁰ Segundo SOARES, JÚNIOR e OLIVA. *Evangelho segundo Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2013, p. 16: “Marcos é independente de Mateus e Lucas. Tal conclusão, aceita pela crítica bíblica moderna, se impõe pela brevidade de Marcos, e porque se percebe claramente que seu texto é o roteiro sobre o qual se constroem os dois outros evangelhos”.

¹¹ EDWARDS, James R. *O Comentário de Marcos*, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 28: “A teoria da prioridade marcana, embora esta afirmação não fique sem contestação, continua a ser sustentada pela maioria dos acadêmicos hoje, incluindo o presente autor”.

¹² EDWARDS. *O Comentário de Marcos*, trad. Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, p. 28.

¹³ BORTOLINI, J. *O Evangelho de Marcos: para uma Catequese com Adultos*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 10.

Delimitação da Perícope

O trabalho bíblico-exegético sobre o Evangelho segundo Marcos tem sido visto com uma investigação cuidadosa e atenta, objetivando aproximar-nos do propósito do seu autor quando foi composta a obra. Gorman apresenta essa ideia chamando-a de intenção autoral.¹⁴ Ele diz que o exegeta deve aprofundar-se no contexto histórico, literário e teológico com vista à descoberta de tal intensão do autor a partir das perguntas certas, ainda que não possam ser respondidas imediatamente e sem medo de questões difíceis ou de descobertas espantosas e aparentemente insolúveis.¹⁵ Wegner define o termo exegese como o trabalho de explicação e interpretação de um ou mais textos bíblicos.¹⁶ Nesse sentido, e com base no objeto da presente pesquisa, o primeiro esforço definirá qual o texto será submetido a investigação minuciosa, a delimitação da perícope.

Ao que parece, Marcos inicia uma nova seção, apontando para um deslocamento de Jesus e de seus discípulos: *Καὶ εἰσπορεύονται εἰς Καφαρναούμ* (E eles vieram para Cafarnaum, cf. Mc 1.21). A cidade de Cafarnaum (“aldeia ou vila de Naum”) era uma cidade na Galileia, mencionada com frequência nos Evangelhos em associação com a vida de Jesus (Mc 4.13,18; cf. Jo 6.24).¹⁷ Ela estava situada na margem ocidental do mar da Galileia. A região é mencionada pelo evangelista Marcos apenas três vezes (cf. Mc 1.21; 2.1; 9.33). O texto sugere que Cafarnaum era grande o suficiente para ser chamada de cidade (Mc 1.33) e possuir a sua

¹⁴ GORMAN, trad. Wilson Ferraz de Almeida. *Introdução à Exegese Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 26.

¹⁵ Ibidem, p. 27. As perguntas exemplificadas por Gorman são: Que situação parece ter sido a ocasião para a redação do texto? Que tipo de literatura é este texto, e quais são seus objetivos literários? Que grande questão teológica ou tema estão envolvidos neste texto e o que ele requer que os leitores façam? Por que este texto parece contradizer aquele outro?

¹⁶ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento — Manual de Metodologia*. 3. ed. São Paulo: Sinodal – Paulus, 2002, p. 21.

¹⁷ Para saber mais sobre Cafarnaum, consulte UNGER, Merril F.; HARRISON, R. K.; trad. Vanderlei Ortigoza e Paulo Sérgio Gomes. *Dicionário Bíblico Unger*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 184.

ENSINO e AUTORIDADE

A comunidade cristã vem, ao longo de cerca de dois milênios, mantendo os pilares de sua fé e dogmas sobre os ensinamentos dados por Jesus. Não resta dúvida de que o legado deixado por esse notável discipulador marcou épocas, revolucionou culturas e moldou sociedades inteiras.

Que Jesus é um grande mestre e formador de discípulos é ponto pacífico, indiscutivelmente. Mas quais são os elementos de sua práxis que o distinguiram dos mestres de seu tempo e tornam seu ensino tão longo?

A fim de investigar a metodologia de Jesus em seu processo de ensino e como se deu a aprendizagem do conteúdo proposto no Evangelho, a presente obra se dedica ao estudo exegético e comenta teologicamente o texto bíblico de Marcos 1.21-22, sob a perspectiva da ação andragógica de Jesus, tendo como tônica o verbo διδάσκω (*didaskō*), no qual se percebe a contribuição para o tema.

O autor identifica e descreve os elementos da didática de Jesus e a contribuição para a formação de discípulos, fazendo uma acareação com os métodos vigentes à época.

Como resultado, o autor nos presenteia com uma exposição da condição dos discípulos como aprendizes e estes como reprodutores do conteúdo recebido no processo de aprendizado, conforme o modelo pedagógico de Jesus, aquele que ensina com autoridade. A partir da identificação do modelo utilizado pelo Mestre, foram estabelecidos parâmetros aplicáveis no ensino nas diferentes igrejas e comunidades cristãs.

